*BIO*GEOGRAFIA – DESCOLONIZAR O *SER*, *SENTIR* E *SABER* PARA A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO NAS ARTES VISUAIS

*BIO*GEOGRAPHY – DECOLONIZE THE *BE*, *FEEL* AND *KNOW* FOR THE TRANSMISSION OF KNOWLEDGE IN THE VISUAL ARTS

Marcos Antônio Bessa-Oliveira / UEMS
Edgar Cézar Nolasco / UFMS

RESUMO
Descolonizar o *ser*, *sentir* e *saber* para transmitir conhecimentos em Artes é situar o sujeito no mundo que vive. A ideia é que, a partir da noção de que ocupamos um lugar específico no espaço – geográfico, biográfico e cultural (*bio*geográfico) –, antes precisamos ser, sentir e saber o "mundo" que vivemos, para trabalhar "[...] o plano de descolonização do conhecer, do sentir, do pensar e do ser." Logo, para transmitir o conhecimento pela arte e a cultura de Mato Grosso do Sul no ensino de Artes, por exemplo, é preciso ser, sentir, saber da arte/cultura locais para proporcionar aos alunos serem, sentirem, saber e conhecerem a arte e a cultura do Estado. Portanto, proponho um plano de *desocidentalizar* o ser, o sentir e o saber, mesmo antes de *contextualizar, apreciar e praticar*, para *conhecer*, *sentir*, *pensar* e *ser* um sujeito (geográfico, biográfico e cultural) pelas artes visuais em Mato Grosso do Sul.

PALAVRAS-CHAVE
Ensino de artes; desocidentalizar; Mato Grosso do Sul; *bio*geografia; cultura local.

ABSTRACT
To decolonize the *being*, to *feel* and to *know* to transmit knowledge in Arts is to situate the subject in the world that lives. The idea is that, starting from the notion that we occupy a specific place – in the geographic, biographical and cultural (*bio*geographical) space –, we must first be, feel and know the "world" we live, to work "[…] the decolonization plan of knowing, feeling, thinking and being." Therefore, to transmit knowledge through the art and culture of Mato Grosso do Sul in the teaching of the arts, for example, it is necessary to be, to feel, to know the local art/culture to provide students with, to feel, to know and to know art and The culture of the State. Therefore, I propose a plan to de-westernize the being, the feeling and the knowledge, even before *contextualizing*, *appreciating* and *practicing*, to *know*, to *feel*, to *think* and *to be* a subject (geographic, biographical and cultural) the Visual Arts in Mato Grosso do Sul.

KEYWORDS
Teaching arts; de-westernize; Mato Grosso do Sul; *bio*geographies; local culture.

Introdução

O que é *ser*, *sentir* e *saber*? Ações que complementam a ideia-título deste texto para situar minha proposta de transmissão do conhecimento em Artes Visuais! É, portanto, entender-se como um *ser* alguém no mundo; *sentir* o mundo; e uma noção do *saber* sobre o mundo em que vivemos. Sem nenhuma armadilha absurda, não é ou não deveria ser novidade para ninguém as questões do *ser*, *sentir* e *saber* como proposta epistêmica. A ideia é que nós (artistas, pesquisadores e professores), a partir da situação geográfica, de que ocupamos um lugar específico no espaço — portanto, geográfico, biográfico e cultural, que hoje trato como lugar *bio*geográfico — , enquanto sujeitos viventes, primeiro precisamos ser, sentir e saber o "mundo" em que vivemos. Somente a partir desse (re)conhecimento do "nosso mundo" que poderemos "[...] expandir tanto as análises da matriz colonial como os processos de descolonização, trabalhando no plano de descolonização do conhecer, do sentir, do pensar e do ser."[1] (GOMÉZ; MIGNOLO, 2012, p. 9) (Tradução livre minha) *Bio*geografar é, portanto, descolonizar o sujeito.

Descolonizar é reconhecer-se e reconhecer o mundo, a arte e a cultura às quais nos cercam. Do mesmo jeito é reconhecer sujeitos, espaços e produções como/de lugares epistêmicos. Ou seja, estou propondo, a partir disso, entender-nos como sujeitos colonizados primeiramente (histórico e contemporaneamente), para descolonizar o ensino de Artes Visuais. Portanto, como privilegio um lugar *bio*geográfico, para cultivar e cultuar o conhecimento sobre a arte e a cultura de Mato Grosso do Sul no ensino de Artes especificamente, primeiro, por exemplo, nós precisamos ser, sentir e saber essa arte e dessa cultura para conseguirmos fazer os alunos serem, sentirem, saber e conhecerem a arte e a cultura do Estado como suas. A saída é que devemos, antes de *contextualizar, apreciar e praticar* (BARBOSA, 2008), propor um plano de *desocidentalizar* o ser, o sentir e o saber para *conhecer*, *sentir*, *pensar* e *ser* um sujeito (geográfico, biográfico e cultural, portanto *bio*geográfico) em Mato Grosso do Sul.

O que estou querendo dizer é que as discussões aqui propostas, para pensar as práticas, as pesquisas ou o ensino de Artes, não são adequações de metodologias sobre essas práticas vindas de fora. Mas são propostas epistêmicas que tomam dessas práticas como culturais locais e que, de maneira muito clara,

necessariamente demandam uma maneira *outra* de pensá-las, praticá-las e, por conseguinte, ensiná-las. As proposições envolvendo Arte, Cultura e Educação no Brasil, se já não podemos falar da América Latina como um todo – haja vistas sermos colonizados, ainda que por coroas diferentes (nós portugueses e eles na grande maioria espanholas) – historicamente sempre estiveram ancoradas em reflexões vindas de fora (além-mar na grande parte), da Europa ou dos Estados Unidos: seja para produzirmos, sejam para pensarmos e as ensinarmos em Artes. Esse fato demonstra o quanto valorizamos mais a colonização histórica e mantemo-na na contemporaneidade, em relação à Arte, a Cultura e a Educação internacionais, em detrimento das nossas práticas, pesquisas, produções em Artes e conhecimentos locais. Portanto, é preciso entender antes de tudo nossa situação de colonizados para empreendermos um processo de descolonização dos seres, sentires e saberes em Arte, Educação e Cultura "nacionais".

***(Situ)Ações das questões*: lugar, disciplina e conhecimento**

A título de situação é necessário fazer alguns rápidos esclarecimentos sobre o *lócus de enunciação* de onde falo, como o penso e como entendo determinadas coisas que estão postas na tradição do ensino de Artes, sobre os fazeres artísticos, na cultura de Mato Grosso do Sul e sobre as teorias das Artes na atualidade. Por conseguinte, esses esclarecimentos já corroboram minha proposta para o ensino de Arte e da Cultura de Mato Grosso do Sul como possibilidade de descolonizar o *ser*, *sentir* e *saber* para transmissão do conhecimento nas Artes Visuais. Como propostas, essas discussões e proposições, por exemplo, não se inscrevem como "metodologias" ou "métodos" descritos pela noção de Ciência Moderna ou mesmo "estabelecem regras" que de fato "ensinarão" aos professores e alunos de Artes, ou àqueles que não são das Artes, das Redes Formais, Informais, de qualquer Nível escolar, a como ensinar a Arte, a Cultura na Educação de Mato Grosso do Sul.

Nesse sentido, quero deixar evidente que como propostas, descolonizar o ser, sentir e o saber na arte e cultura de Mato Grosso do Sul, ou de qualquer outra cultura, no ensino, na prática artística ou na reflexão sobre essas, deve se dar primeiramente como possibilidades. Nunca como metodologia cartesiana definida, pronta e acabada. A arte, a educação e a cultura não têm essas características engessadas. Uma proposição requer compreender questões *outras* que o método pronto e a

metodologia acabados suplantam qualquer situação de possibilidades e transferências de conhecimentos. E neste caso falo de conhecimento histórico – adquirido através de instrução didático-pedagógica – e falo ainda de conhecimento dos conhecimentos – aquele que os indivíduos têm transmitidos como heranças (DERRIDA, 2009) socioculturais: de pais para filhos ao longo de gerações, em conversas sociais etc. É dessa perspectiva que nasce uma ideia de proposta epistêmica descolonizadora do ser, sentir e saber.

O "ensino" que tenho formulado nas minhas próprias salas de aulas, a partir dessa proposição que está assentada na arte e na cultura produzidas em Mato Grosso do Sul, é grafado entre aspas exatamente por entender que o termo ensino tem nele um método preestabelecido que impede a transferência de conhecimentos. (Ensina-se a pintar, desenhar, escrever, fazer, ler, mas não se ensina a ser, sentir e saber o mundo, essas coisas estão implícitas ao sujeito, podendo no máximo ser despertadas e/ou conduzidas). Sem termo melhor para definir o que entendo por transferência do conhecimento, opto por utilizar "ensino" entre aspas ao invés de grafar puramente ensinar ou educar aos alunos a arte e a cultura do Estado. Evidentemente está implícito nesta questão o fato de que ensinar/educar arte e cultura é completamente oposto à ideia de transferir conhecimento com arte e cultura. Portanto, justificam-se as aspas postas: prefiro a ideia de que nós professores não ensinamos aos alunos, vejo essa ação a cargo das famílias. Nós transferimos, somos transferidos por, e conduzimos os conhecimentos com a arte e cultura para os alunos. Sejam os conhecimentos históricos, aqueles que estão postos pelos Referenciais Curriculares; sejam os conhecimentos produzidos a partir dos conhecimentos que os próprios alunos trazem de casa, de seus cotidianos, de suas relações com um mundo específico. Sejam ainda os conhecimentos que nós professores/sujeitos temos do mundo.

Igualmente faço restrições à adoção do termo Arte em relação ao não uso do termo Artes, no plural, para nos referirmos à definição da disciplina de Arte. Obviamente também, e ai já estou pondo a explicação do título desta comunicação — *BIO*geografia – descolonizar o ser, sentir e saber para a transmissão do conhecimento nas Artes Visuais — que situa a inerente situação sempre posta às Artes de modo geral. O que, em tempos atuais, também faria muito sentido a fim de

(re)forçar um entendimento de área, já que estão nos tirando igualmente este direito com as novas proposições da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino de Arte. Desse ponto de vista é incoerente e ideológico demais defendermos no atual cenário da disciplina uma nomenclatura pura que parece enfraquecê-la: Arte. Todos os professores, inclusive o meu caso, ministramos as quatro linguagens básicas – Artes Visuais, tornadas Artes Plásticas, Teatro, Dança e Música –, em ambientes puramente unívocos: salas de aulas para linguagens múltiplas e ao mesmo tempo.[2]

Evidentemente faço aqui o reconhecimento das aprovações de Leis que regulamentavam a instituição das quatro linguagens da Arte como áreas distintas do conhecimento a serem "ensinadas" nas escolas. Mas como parto do princípio da ainda sonhada instauração dessas quatro linguagens nas escolas, que a atual situação ilustra para a impossibilidade, com toda infraestrutura e professores especializados para cada uma delas, prefiro tratar a disciplina como Artes e não Arte. A luta é justa! Mas é uma pura questão de realidade agora. Faz-se necessário esclarecer também que penso na transferência e condução de conhecimentos em Artes nas linguagens artísticas (como também penso teoria e práticas em todas as linguagens), não em uma linguagem específica, por exemplo, Artes Visuais que é a minha formação. Apesar de graduado em Artes Visuais – Licenciatura – com habilitação em Artes Plásticas –, não falo do ensino ou da transferência ou condução dos conhecimentos desse lugar disciplinar Moderno e isolado.

Descolonizar x colonização de inumanos

Pensar essa condução e proposição de conhecimento da arte e da cultura de Mato Grosso do Sul através da arte como epistemologia evidencia também não ter nada pronto e acabado. Do mesmo jeito é possível dizer que a especificidade da arte e da cultura locais de Mato Grosso do Sul dependem de uma formulação específica para pensá-las, o mesmo, por conseguinte, se daria se estivesse pensando sobre a arte e a cultura de outros lugares que não o *lócus* cultural sul-mato-grossense. Uma episteme está em construção constante, neste caso, por entender que cada indivíduo é único na condução/proposição e igualmente na recepção dos conhecimentos que lhes são transmitidos. Faz muito tempo já se fala em identidades instáveis, não mais estáveis como pensadas em tempos modernos. Até os tempos já

são outros. A epistemologia para esta questão também recorre à ideia de não tomarmos a disciplina de Artes, a partir de agora, como uma atividade disciplinada — restrita em provas, atividades para casa, trabalhos acadêmicos de longas laudas ou mesmo como referência à reprodução dos manuais de História da Arte — e também não unicamente à ideia de uma não disciplina sem pressupostos norteadores ou possibilidades de aplicabilidade. Minha ideia é que a arte e a cultura de Mato Grosso do Sul, por exemplo, não devam aprioristicamente ser inscritas em um *hall* de produção artística e de conhecimento nos quais elas sequer almejaram estar.

Neste ponto trato da noção de História da Arte e de Ciência que temos postos como nossos – pensando-nos como modernos ou modernizados. Ou seja, se por um lado nos inscrevemos como produtores de arte e conhecimentos relacionados à História da Arte e à Ciência postas – sempre empreendidas pelos Projetos europeus e/ou norte-americanos – somos situados em um lugar ao qual não pertencemos nem por direito. Já por outro lado, se não somos inscritos como produtores de arte e conhecimentos, porque não participamos dos discursos da História da Arte e da Ciência europeia e norte-americana, somos vistos como inumanos; o mesmo que, na verdade, nos tornarem invisíveis, *nãoumanos*. Portanto, quando falo em Projeto Moderno, estou situando a questão no empreendimento europeu traçado com a implementação do Renascimento como projeto artístico para o mundo; no Cristianismo como única salvação do homem no mundo; e na ideia de expansão de um "Mundo Branco, Masculino e Pré-conceituoso" para outros mundos. Esses projetos situados em meados dos séculos XIV e XV. Portanto, a discussão ancora-se na ideia de branqueamento do mundo. Já quando falo de Projeto de Modernização aporto minhas discussões na expansão da ideia política da Democratização/Globalização dos mundos postas pelos Estados Unidos por volta dos anos de 1950/70. Uma noção de mundo em que todos têm acesso a tudo. Quando na verdade não passa de uma *imperialização* dos mundos moderna.

Descolonizar é BIOgeografar

Para não continuarmos inscrevendo essa Arte, a Educação e a Cultura em lugares desconhecidos, necessitamos reconhecer o "nosso mundo", ou os nossos muitos mundos; o lugar de onde falamos ou produzimos arte e conhecimentos, para ser

mais preciso, e, por conseguinte, necessitamos compreender que cada um dos nossos alunos tem uma compreensão desse mundo pautada em seu universo particular. Falo agora em *diversalidade*, em especificidade biográfica, em local enunciativo migrante – que vão ampliar a minha ideia de *bio*geografias[3]. Apenas compreendendo essas questões que estão envoltas à epistemologia de descolonizar, para a condução e proposição de transferência de conhecimentos, a partir da arte e da cultura de Mato Grosso do Sul, que é o meu exemplo, através da arte, que será possível situar a questão de modo geográfico, biográfico e cultural para me fazer compreender. Portanto, estão envoltas a lugar específico, sujeito específico, cultura específica – lugares das *diferenças* como sinalizou Jacques Derrida (2009). Está implícito em tudo isso, para compreensão de coisas essenciais, que proporcionam a *desocidentalização* do ensino de Artes nas milhares de salas de aulas, não apenas em Mato Grosso do Sul, mas em todo território onde os sujeitos, lugares e práticas artístico-culturais foram e continuam sendo entendidos como reprodução de ideias formuladas por discursos hegemônicos e que não têm nenhuma relação com essas geografias, biografias e culturas marginais.

A *diversalidade* é entendida por Walter D. Mignolo (2003) como uma possibilidade mais ampla de reconhecimento das diferenças (coloniais) do que abrange a compreensão do conceito de diversidade tão amplamente difundido na cultura nacional. Do conceito de diversidade ainda instaura-se uma relação de diferenças ancorada em uma ideia de verticalização entre as culturas diferentes. Ou seja, diverso ainda sugere que a diferença de um se sobreponha às diferenças de muitos outros que não pactuam das ideias dos conceitos preestabelecidos de arte, educação e cultura, por exemplo. Enquanto o conceito de diversalidade está para uma noção de diverso, mas do entendimento desses na horizontalidade. Ou seja: as diferenças estão estabelecidas igualmente para a diversidade, mas são compreendidas como iguais nas suas diferenças. Explico melhor: as diferenças a partir da noção de diversalidade são postas como especificidades de cada uma das diferenças artísticas, culturais e de conhecimentos, portanto, as diferenças são compreendidas como características específicas de cada qual (arte, cultura e educação) e por isso devem ser entendidas de maneiras diferentes na igualdade. Ou ainda, é necessariamente importante reconhecer que as diferenças em uns se dão

em outros de forma distintas, mas que se equiparam como igualdades das múltiplas diferenças intrínsecas às diferentes culturas. Sem prejulgamentos estabelecidos em qualquer tipo de diferença que faça comparações entre essas diferenças ressaltando qualidades artísticas, culturais e, por conseguinte, conhecimentos científicos ou não. Diversidade está para *qualidade das* diferenças; assim como diversalidade estaria para *quantidade de* diferenças que postulam leituras diversas de Arte, Educação e Cultura. E isso sim tem a ver com a ideia de arte, educação e cultura de Mato Grosso do Sul que tenho e que pode tornar-se uma proposição para condução/transmissão do conhecimento com arte.

Ao falar de especificidade *bio*geográfica também estou propondo falar de diferenças, de especificidades e/ou diversalidades. Entretanto agora não falo de diferenças múltiplas, pensadas em grupos (étnicos, de gêneros, raças, cores, homens, mulheres, etc), mas em individualidade de cada sujeito e, mais específico ainda, falo de individualidade *bio*geográfica. Individualidade compreendida como indivíduo ou *corpus* único no espaço em que ocupa e não como isolamento de grupos de sujeitos diferentes. Para uma proposta de transferência/condução de conhecimentos da arte, da educação e da cultura sul-mato-grossenses é de extrema necessidade levar em consideração as múltiplas identidades dos alunos – as individualidades *bio*geográficas dos alunos diversos que estão em sala de aula. Neste ponto os conceitos de *diversalidade* e individualidade *bio*geográfica unem-se para pensarmos as especificidades e as diferenças de cada um dos/das alunos/alunas professor/professora nas aulas de Artes. Portanto, é condição fundamental que as aulas de Artes levem em consideração os múltiplos corpos, as múltiplas identidades, as múltiplas falas, os múltiplos gestos, as múltiplas formas de compreensão, as múltiplas diferenças dentro de cada grupo, por fim, as múltiplas maneiras que cada indivíduo naquele suposto espaço do saber – a sala de aula – tem de *ser*, *sentir* e *saber* seu mundo para propor compreender os múltiplos mundos que os cercam.

***Ser, sentir, saber*, transmissão do conhecimento em Artes Visuais**

Depois de situar todas as questões que foram postas, esperando propiciar aos leitores (professores, alunos, pesquisadores e artistas) o entendimento da proposta de descolonizar o ser, sentir e saber como episteme para a condução do conhecimento em Artes Visuais, porque elas fazem parte do que postulo para a

prática didática da arte, da educação e da cultura do Estado em salas de aula, somente agora é que venho tratar do e sobre o lugar de onde falo. Lugar situado tanto geográfico, como biográfico e culturalmente falando, apontados antes, bem como penso esse/desse lugar, como entendo as coisas que estão postas na cultura do ensino de Artes e sobre os fazeres artísticos da cultura de Mato Grosso do Sul e, por último, ainda sobre as teorias das Artes na atualidade. O que, por conseguinte, já estarei falando dos indivíduos que habitam esse lugar movediço e fronteiriço por natureza histórico-geográfico-cultural imposta. Movediço e fronteiriço neste caso têm conotação de coisa liquefeita, não limitável, ou coisa não engessada, menos ainda de coisa que se distancia pela diferença particular ou pelas diferenças dos outros. Uma conotação de fronteiriço que está no plano de entendimento das *diversalidades* antes ilustradas, mas também da concretude do espaço como político-geográfico.

Como contribuição para promover a descolonização nas aulas de Artes, ilustro agora algumas impressões sobre as produções artísticas e críticas que substancialmente interferem e mantêm-se subsistindo nas aulas de Artes no estado de Mato Grosso do Sul. A produção crítica e artística do Estado, nos seus quase 40 anos pós-divisão de Mato Grosso (1977), trabalhou visando à constituição de uma identidade para essa produção artística e cultural fronteiriça de MS ser inscrita no contexto político e social brasileiro e *quiçá* internacional. A preocupação maior com uma conquista de espaços político, econômico e sociais para a produção e cultura do Estado fez com que também nossas produções fossem inscritas nesses lugares a partir de características homogêneas de uma ideia de arte e cultura formuladas em períodos e lugares nos quais nunca tivemos contatos e acessos. Por exemplo, a produção artística de Mato Grosso do Sul, assim como a de muitos outros lugares *fora dos eixos* do Brasil, foi lida pela crítica local a partir de referenciais (artístico e/ou teóricos) europeus ou norte-americanos — inscrevendo a produção artística e a cultura locais em estilos e estéticas artísticas clássicas e/ou pós-modernas de tempos específicos do passado, com um sentido cronológico, como se essas práticas e cultura daqui viessem sustentando a manutenção do continuísmo artístico defendido por esses lugares e discursos que reverberam emitidos daqueles lugares.

As produções artísticas de Mato Grosso do Sul então, corroboradas por uma leitura crítica que formulou a ideia de que nossos artistas locais continuaram trabalhando

em suas obras com os mesmos pressupostos europeus e norte-americanos (um discurso crítico que visou orientar-se pelas características clássicas e modernas das produções artísticas), continuaram sendo compreendidas como obras que, ainda que realizadas aqui nas fronteiras sul do Centro-Oeste – nos confins do mundo –, tivessem características iguais às realizadas do outro lado do mar. Por conseguinte, como é uma *práxis* da metodologia (essa crítica embasada no Clássico e no Moderno como referenciais avaliam/analisam as obras locais a partir de uma estrutura metodológica restrita), as produções artísticas e igualmente a cultura local sul-mato-grossense acabam por serem inscritas nos Referenciais Curriculares como continuidades daquelas culturas e obras alheias aos imaginários, por exemplo, de alunos e professores de MS. Desta ótica, não parece ser difícil compreender porque até hoje as aulas de Artes, em qualquer linguagem artística, não fazem relação nenhuma com os alunos dos bairros periféricos ou até dos bairros mais abastados da cidade ou ainda das cidades do interior do Estado. As leituras da arte e da cultura locais como obras Clássicas e Modernas não aproximam as obras históricas ou as produções contemporâneas a esses alunos. O que está sendo produzido por eles, por exemplo, acaba não sendo reconhecido como produção de arte, cultura e conhecimentos, por isso desvincula aquela Arte Maior das suas produções artísticas.

Nesse sentido, o aluno não consegue, a partir das atuais aulas de Artes, vislumbrar relação alguma entre aquela Obra de Arte distante – em tempo histórico, geográfico e cultural – com os seus *raps*, grafites, *funks*, *skats* (sim, falo sobre o *skate* porque ele é uma prática esportiva, mas o é também cultural), ou com o *hip hop* que eles estão desenvolvendo em suas comunidades. E essa falta de relação não se dá porque o professor não consegue fazê-la, não é também porque a escola não disponibiliza espaço e "materiais adequados" para essas práticas. A culpa, por incrível que pareça, não está diretamente associada ao professor, ao aluno ou à Escola, mas é totalmente culpa dos discursos críticos e artísticos (um que reforça o outro), por conseguinte, que insistem em dizer que nossas práticas artísticas e a cultura local são iguais ou continuidades das europeias ou norte-americanas. Daí podemos sim dizer que se o professor mantiver-se preso aos pressupostos disciplinares modernos que esses críticos e artistas defendem, e não pesquisar e reinterpretar aquelas práticas e culturas históricas para o tempo presente do aluno (a

tão temida contemporaneidade nas aulas de Artes), a culpa por termos um ensino desassociado do cotidiano desses alunos, sim, passa a ser do professor. Mas o problema primeiro é dos que reforçam a manutenção de uma arte e de algumas culturas alheias à nossa como se fossem as nossas.[4] Bem como esses sujeitos acabam contribuindo para a ideia de Ensino postulada em um único sujeito (Educador) detentor do saber disciplinar.

A pergunta que costumo fazer aos meus alunos universitários, diante dessa situação que está posta às artes e a cultura local sul-mato-grossenses, mesmo depois desses quase quarenta anos de "*bovinoculturismo*" (foi este o conceito que se criou para a arte e a cultura do estado como continuísmos daquela produção europeia e norte-americana)[5], é: qual a vantagem da produção artística local, por exemplo, pintar uma "Última Ceia" em pleno século XXI como pintou Leonardo nos anos de 1495–1498? Ou, como trabalho em um curso de Artes Cênicas, como estamos representando William Shakespeare na contemporaneidade? Primeiro, há uma diferença em dizer que nossa cultura é da "bovinocultura", entre dizer que nossas produções artísticas e culturais são do "bovinoculturismo"[6] – esta explicação está mais bem posta em um ensaio que foi publicado nos *Cadernos de Estudos Culturais*, disponível *online*, cuja temática do número é "Brasil/Paraguai/Bolívia".[7] Em segundo lugar, não é justificável continuar representando últimas ceias ou mona lisas ou encenando dramas shakespeareanos, na contemporaneidade, como fizeram tão bem aqueles artistas em suas épocas e, ainda, sem um mínimo de repertórios tecnológicos como temos hoje. Para mim, é um desserviço o artista de Mato Grosso do Sul ou de qualquer outro lugar neste Planeta continuar apenas replicando essas obras e, pior ainda o é, a crítica reforçar esse discurso de uma "arte" que não presta serviço nenhum à comunidade contemporânea. Do mesmo jeito, por conseguinte, o professor que apenas reproduz essa situação/histórias na sala de aula acaba por *emburrecer* e embrutecer artístico e culturalmente falando seus alunos.

Considerações – descolonizar o *contextualizar, apreciar e praticar*

Aqui tento concluir a ideia de *desocidentalização* do ser, do sentir e do saber para *conhecer*, *sentir*, *pensar* e *ser* um sujeito (geográfico, biográfico e cultural) em Mato Grosso do Sul, como anunciei antes, capaz de propor *descolonizar* os alunos em sala de aula. Se a crítica e a produção artística e a cultura de Mato Grosso do Sul

emitem suas opiniões que é pensada, respectivamente, a partir de uma ideia de Europa e Estadunidense de mundo, deve-se ao fato de AINDA SERMOS colônia cultural e econômica desses países. O Projeto de Ocidentalização do Mundo – oriental e ocidental – foi edificado pela Europa em meados do século XIV/XV para tornar o mundo subordinado às ideias daquele continente – um branqueamento do mundo como já disse. Até mesmo a ideia de Ocidente e Oriente – divisão binária do Mundo – é uma conceituação do Projeto Global Europeu e Norte-americano para o Mundo. Do mesmo jeito, a noção de compreender o Mundo – na arte, na cultura, o sujeito, os lugares, tudo – de forma binária (dentro x fora, centro x periferia, arte x não-arte, homem x mulher, preto x branco, índio x branco, arte x artesanato, cultura letrada x cultura inculta, erudito x popular etc) está vinculada ao Projeto de homogeneização do Mundo, construído pelo homem europeu e fortificado pelo Renascimento político, artístico, econômico e cultural e pelo Cristianismo.

Desocidentalizar o ser, o sentir e o saber estão vinculados à ideia de voltar-se para dentro e a partir daí ver o que está de fora. Coisa tão característica da arte e da cultura de Mato Grosso do Sul. Os professores de Artes na contemporaneidade, necessariamente precisam reconhecer-se na cultura contemporânea para proporcionar aos alunos a desocidentalização dos fazeres, dos conheceres e do historiar através das artes e das culturas do mundo, para fazer os alunos conseguirem ser, conhecer e sentirem seus próprios mundos. A contemporaneidade, sinto informar aos professores de Artes que insistem em não pactuarem dela em suas aulas, insiste em mostrar-nos cotidianamente que não é fazendo a ocidentalização dos alunos com a velha História da Arte, que finge inserir conteúdo contemporâneo e cultural ao falar de Cultura Afro-brasileira ou de Cultura Indígena nos currículos referendados no passado – a partir de uma ideia forçada de multiculturalismo –, que as aulas de Artes tornar-se-ão formadoras de *cidadãos/ãs ativos/as e críticos/as, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática*. Portanto, desocidentalizar o ser tem relação também com reformularmos as bases curriculares e epistemológicas da disciplina de Artes.

Infelizmente não basta “contextualizar”, “apreciar” e “praticar” (Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (figura 1)) sem *desocidentalizar* os seres, os sentires e os saberes para fazer *conhecer*, *sentir*, *pensar* e *ser* um sujeito (geográfico, biográfico e

cultural) de/em Mato Grosso do Sul. Ou seja, a proposição/transferência de conhecimento dos conhecimentos – históricos ou culturais – que proponho está assentada na ideia de que sem ser, sentir, saber sobre seu próprio mundo (alunos e professores), então não adiantará contextualizar, apreciar, praticar nenhuma outra produção artística ou cultura de qualquer outro "Mundo". O conjunto de imagens postas na legenda de figura 2 tenta ilustrar essa ideia mais claramente. (Entenda-as ocorrendo também sem nenhuma sequência e/ou ordem pré-estabelecidas, já que trabalho com a ideia de especificidades de cada sujeito) É preciso ser a *contextualização*, ser o *apreciar* e ser o *praticar*; sentir a *contextualização*, sentir o *apreciar*, sentir o *praticar*; para assim saber o *contextualizar*, saber o *apreciar* e saber o SEU *fazer*. Apenas a partir dessa ideia é que a arte, o ensino e a cultura de Mato Grosso do Sul, por exemplo, que são tão específicos nas suas diferenças, assim como o são as diferenças das outras muitas produções artísticas e culturas no mundo, poderão tornar-se compreendidas como cultura do ser, sentir e saber e, por conseguinte serão reconhecidas/apreciadas pelos alunos, reconhecidas/transmitidas pelos professores como arte e cultura dos múltiplos lugares que circundam as fronteiras e limites desses sujeitos, lugares, grafias – BIOgeografias.

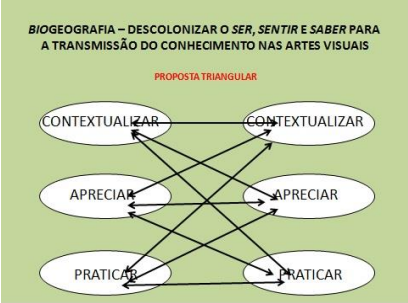

Figura 1 – Diagrama ilustrativo da "Proposta Triangular". (BARBOSA, 2008) para o Ensino de Artes Visuais.

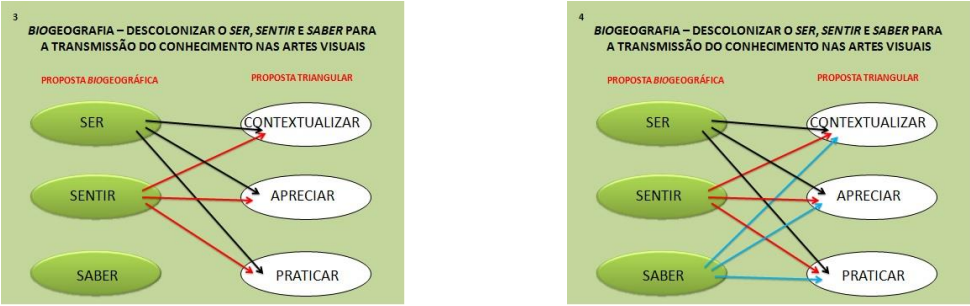

Figura 2 – Diagrama ilustrativo da Proposta *BIO*geografia – descolonizar o *ser*, *sentir* e *saber* para a transmissão do conhecimento[8] nas Artes Visuais.[9]

Falar de arte e cultura em Mato Grosso do Sul é, portanto, no mínimo falar de regiões, lugares, fronteiras, limites, geografias, biografias, etc – mas tudo e todos tomados no plural – porque daqui ou aqui tudo é de MS e nada é sul-mato-grossense. Em compensação, como dizer que o que se produz aqui é arte que produz conhecimento a partir dos conhecimentos ou que é cultura? Despindo-se de qualquer relação binária dos conceitos de Arte, Conhecimento e Cultura! Por isso, o que é arte? O que é cultura? O que é produzir conhecimento? Tomando a cultura de partida – o lugar enunciativo que é migrante, biográfico e geográfico –, Mato Grosso do Sul que está aqui em questão, as respostas não estão nos postulados Modernos dos Referenciais Curriculares tradicionalmente limitadores das ideias de arte e de cultura. As respostas se ancoram no lugar enunciativo – nas Moreninhas, nos Ribeirinhos, nos bairros sem luz, sem água; onde acontecem as rodas de samba, danças, *skate*, nas rimas do *Hip Hop*, nos bailes de *Funk*, nos grafites e nos pichos. Como pensar todas essas relações, então, em uma sala de aula na disciplina de "Arte" no singular? Da minha perspectiva tornar-se-á impossível se o tão sonhado especialista e as especificidades das linguagens artísticas não forem atendidos pelos Estados e Municípios e Escolas Privadas. Falar da arte e da cultura desse lugar é falar em *Bio*geografias (BESSA-OLIVEIRA, 2016).

Notas

[1] "[...] expandir tanto el análisis de la matriz colonial como los procesos de descolonización, trabajando en el plano de la descolonización del conocer, del sentir, del pensar y del ser." (GOMÉZ; MIGNOLO, 2012, p. 9)

[2] No meu caso sou professor com Dedicação Exclusiva em Tempo Integral na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, na Unidade Universitária de Campo Grande – UUCG, no curso de Artes Cênicas das disciplinas de "Artes Visuais", "História da Arte", "Arte Educação", "Arte e Cultura Regional" e "Itinerários Científicos III" e "IV": ou seja, trabalho em um curso onde as especificidades são as linguagens do Teatro e da Dança com disciplinas de Artes Visuais. Portanto, também trabalho em um "não-lugar" – um lugar da indefinição **disciplinar** – igualmente aos lugares em que estão também os professores das escolas, de modo quase geral,

das Redes Estaduais, Municipais e até Privadas na disciplina de Arte e não Artes. Registra-se que a problemática Arte ou Artes é posta em nível nacional e entendo as pretensões até hoje tentadas.

[3] "As *bio*geografias, portanto, têm a ver com trânsitos (deslocamentos, passagens, paragens, passeios, traslados, com fronteiras e limites atravessados e travados cotidianamente, com movimentos, com atravessamentos, com mudanças), sejam eles obrigatórios ou por bem quereres, culturais, biográficos, artísticos e sociais entre os muitos lugares, com os objetos e sujeitos desses lugares donos desses objetos e com ou sem os seus pertences maiores. Por isso é que o conceito de *bio*geografia — grafado exatamente como está: *bio* + geografia = o primeiro em itálico, para diferenciar-se do conceito da Geografia na composição e no sentido conceitual (Naturezas para Biografias de seres vivos) — não está para o conceito de biogeografia da disciplina Geografia. Especialmente porque não se quer contar nada, menos ainda os sujeitos que trasladam essas fronteiras e limites internacionais [...] Apesar da relação direta à Geografia, uma vez que se trata de espaços geográficos como tal, o conceito de *bio*geografia corrobora ainda noções outras de espaços e sujeitos, produções, práticas e culturas que se inserem no biossistema, mas estão mais na ordem da biografia cultural desses indivíduos. A ideia primeira do conceito de *bio*geografia é pensada a partir da condição a que estão sendo impostos [...] [os indivíduos coloniais]. Portanto, o conceito de *bio*geografia quer tratar dessa analogia de perdas e "ganhos" das relações do *bios* e do lócus enunciativo (geográficos multíplices) dos sujeitos sírios e africanos primeiramente, mas também o conceito deverá nos servir prioritariamente para pensar os sujeitos que, por qualquer outro motivo ou natureza, (i)(e)migram de suas relações de pertencimentos dos mais diferentes lugares e das suas identidades culturais. Portanto, parecendo retomar velhos paradigmas, mas absolutamente não se ancora exclusivamente em velhas ideias, o conceito de *bio*geografias, para pensar o novo, o já, está para ideia de perder e ganhar, cultural e socialmente, pertencimentos que estão intrínsecos ao *bios* e aos lugares enunciativos dos sujeitos. As diversas idas e vindas que estão percorrendo os sujeitos contemporâneos têm muita relação com a ideia discursiva de *bio*geografias. Pois, ao partir-se leva consigo os pertences materiais quando possível, mas os imateriais nunca são abandonados, podem ser esfacelados durante o percurso de transição pelo tempo, mas a memória deles sempre encarrega de fazer voltar. As *bio*geografias são esquecer e lembrar. Passado em todo instante. Mas as *bio*geografias também estão para recomeçar. Presente e futuro. O novo sempre o é da ordem de uma memória por vir a ser construída. Uma memória vivida, não uma memória lembrada ou histórica. Dessa ótica, viver é lembrar, as *bio*geografias lembram, mas vivificam também as vidas, as práticas artísticas, as lembranças, o novo, o instante por vir. Por conseguinte, o conceito de *bio*geografia quer servir para pensar indubitavelmente os "mundos" da tríplice fronteira Brasil(Mato Grosso do Sul)/Paraguai/Bolívia; meu próprio espaço *bio*geográfico de onde penso todas estas questões. Um lócus enunciativo que sofre tanto com o acontecimento da diáspora síria e africana, mas com uma trasladação interna entre as fronteiras internacionais e os limites nacionais do estado ainda não coerentemente observadas pelas práticas artísticas, teóricas e pedagógicas das Artes." (BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. "*BIO*GEOGRAFIAS OCIDENTAIS/ORIENTAIS: (i)migrações do *bios* e das epistemologias artísticas no *front*". In: *Cadernos dos Estudos Culturais*: Oriente/Ocidente: migrações.)

[4] Aqui preciso fazer um à parte sobre a minha compreensão da Arte Contemporânea para tentar auxiliar aos professores-leitores deste trabalho, ainda que de maneira rápida, de como aproximar a produção contemporânea aos alunos. Primeiro é preciso compreender essa produção atual como uma produção do momento atual – um momento que é tão incerto, incertezas em todos os campos do saber, da cultura ou do fazer – que tudo parece permissível, mas também um momento que nem tudo é permitido quando se fala em arte (por exemplo, não adianta mais produzir arte como tudo que já fora produzido no passado histórico da arte). Em contrapartida, vale dizer que se a Arte Contemporânea tem uma enorme vantagem em relação às produções do passado histórico é que esta é a que melhor consegue representar esse nosso tempo das incertezas. Por conseguinte, exatamente por isso que a Arte Contemporânea é a produção da incerteza de linguagens, técnicas, fazeres, do compreender, mas é a arte que mais está associada ao ser *bio*geográfico atual – por causa das suas *diversalidades*.

[5] Cabe registrar neste momento que atualmente oriento um trabalho de Iniciação Científica na Graduação em Artes Cênicas da Acadêmica Marina Maura de Oliveira Noronha que está (re)discutindo a Bovinocultura em Mato Grosso do Sul vinculado ao NAV(r)E intitulado: "*Entre gingas e gingados*: o corpo e a bovinocultura em cena na Arte Educação".

[6] Valerá, neste caso, ver um trabalho que estou escrevendo intitulado: "*Quatro décadas de Arte em Mato Grosso do Sul*: balanços e desafios futuros" em que trato da questão da "cultura *do* boi" ou "cultura *de* boi" em MS.

[7] BESSA-OLIVEIRA; NORONHA. "*O mundo a partir de FRONTERAS* do fim do mundo - Brasil/Paraguai/Bolívia – teoria da arte descolonial". In: *Cadernos de Estudos Culturais*: Brasil/Paraguai/Bolívia. v. 7. n. 14. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, jul.-dez., 2015, p. 65-102.

[8] Transmissão de conhecimento neste trabalho está relacionado a ideia de não abrir mão do conhecimento histórico posto, e em não considerar a ideia de educar (imposta) ao sujeito como se alguém fosse o detentor de todos os conhecimentos. Por isso, trata-se de transmissão do conhecimento dos conhecimentos, por exemplo.

[9] O diagrama tenta ilustrar visualmente a ideia escrita do conceito de Ensino de Arte Descolonial, por conseguinte da Arte Descolonial e da Teoria da Arte Descolonial que é preciso **ser** a *contextualização*, **ser** o *apreciar* e **ser** o *praticar*; **sentir** a *contextualização*, **sentir** o *apreciar*, **sentir** o *praticar*; para assim **saber** o *contextualizar*, **saber** o *apreciar* e **saber** o **SEU** *fazer*.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Ensino de arte*: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Estudos; 248/ dirigida por J. Guinsburg).
BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. "*BIO*GEOGRAFIAS OCIDENTAIS/ORIENTAIS: (i)migrações do *bios* e das epistemologias artísticas no *front*". In: *Cadernos de Estudos Culturais*: Ocidente/Oriente: migrações. v. 8. n. 15. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, jan.-jun., 2016, p. 97-144.
DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. [tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho]. 4. ed.. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Estudos; 271 / dirigida por J. Guinsburg)
GÓMEZ MORENO, Pedro Pablo. MIGNOLO, Walter. *Estéticas decoloniales* [recurso electrónico]/Pedro Pablo Gómez, Walter Mignolo.- Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.
MIGNOLO, Walter D.. *Histórias locais / projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamente liminar. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Marcos Antônio Bessa-Oliveira
Professor no curso de Artes Cênicas e no PROFEDUC da UEMS/UUCG de Artes Visuais. Doutor em Artes Visuais – IA-Unicamp. Coordena o Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas /UEMS/CNPq. Membro dos Grupos NECC/UFMS e Estudos Visuais/Unicamp. Apoio da FUNDECT/UEMS – edital no. 14/2016.

Edgar Cézar Nolasco
Pós-doutor em Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ. Coordenador do NECC/UFMS.